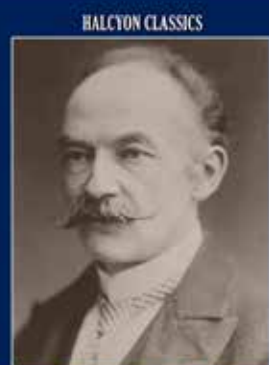


revista

ILUMINART

IFSP

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA • ANO V • Nº 10 • IFSP - CAMPUS SERTÃOZINHO • JUNHO / 2013



THOMAS HARDY
TESS OF THE
D'URBERVILLES



- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 1: Primeiros quatrocentos anos de história do Brasil (1500 a 1900)
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 2: Das escolas de aprendizes artífices à Reforma Capanema
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 3: Dos anos 60 ao surgimento dos Institutos Federais
- A importância do trabalho de campo nas séries iniciais do ensino fundamental: "Fios e desafios no ensino da Cartografia Escolar"
- Avaliação diagnóstica inicial em turmas do Proeja - FIC: contribuições para uma aprendizagem significativa
- De Wessex para o mundo: a universalidade de *Tess of The D'urbervilles*
- Um estudo do espaço, identidade e do narrador em *O Sol se Põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho
- O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: a importância da ciência, tecnologia e sociedade para o ensino
- Compreendendo a relação mãe e filha em uma experiência em Psicodiagnóstico Interventivo Infantil
- A Sociedade Digital e a Gestão da Educação Pública: o papel da coordenação pedagógica na escola
- *Lean Seis Sigma* (LSS): a implantação do LSS como resultado da aprendizagem e experiência através de um laboratório de aprendizagem (LA)
- Utilização de *software* livre *Blender* como ferramenta para a construção de material didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem em química
- *Minimal cycles, neutral and non-neutral vertices in tournaments*
- Resenha: O Folhetim televisivo: a adaptação de *Incidente em Antares* para a televisão
- Relato de caso: Eleições para reitor e diretores gerais de *campi* do IFSP 2012 - Relatório da Comissão Eleitoral Central - CEC



O SOL SE
PÕE EM
SÃO PAULO
BERNARDO CARVALHO



CORPO EDITORIAL

Editor-chefe

Altamiro Xavier de Souza - IFSP

Editor substituto

Weslei Roberto Cândido - UEM

Conselho Editorial

Altamir Botoso – UNIMAR *
Ana Cristina Troncoso – UFF *
Andréia Ianuskiewtz – IFSP *
Anne Camila Knoll Domenici – IFSP
Antonio Sergio da Silva – UEG *
Antonio Sousa Santos – UFVJM *
Carlos Alexandre Terra – IFSP *
Gabriel Roberto Martins – IFSP
Janete Werle de Camargo Liberatori – IFSP *
José Carlos de Souza Kihl – FATEC *
Mauro Nicola Póvoas – FURG *
Plínio Alexandre dos Santos Caetano – IFSP
Reinaldo Tronto – IFSP *
Rodrigo Silva González – UFV *
Whisner Fraga Mamede – IFSP *

Conselho Consultivo

Alexandre do Nascimento Souza – USP
Alexandre Henrique de Martini – IFSP
Álvaro José Camargo Vieira – PUC-SP / FIT
Amadeu Moura Bego – IFSP
Amanda Leal Oliveira – USP
Amanda Ribeiro Vieira – IFSP
Ângela Vilma Santos Bispo – UFRB
Araci Molnar Alonso – USP/EMBRAPA DF
Cintia Almeida da Silva Santos – IFSP
Cristiane Cinat – UNESP
Denise Paranhos Ruys – IFSP

Eduardo André Mossin - IFSP
Eliana de Oliveira – FACFITO
Emanuel Carlos Rodrigues – IFSP
Eulália Nazaré Cardoso Machado – IFSP
Josilda Maria Belther – IFSP
Kjeld Aagaard Jakobsen – USP
Leandro Dias de Oliveira – UFRRJ
Luciana Brito – UENP / UEL
Luiz Carlos Leal Júnior – IFSP
Magno Alves de Oliveira – IFB
Marina P. A. Mello – FACFITO / UNICAIEIRAS
Marsele Machado Isidoro – IFSP
Nadja Maria Gomes Murta – UFVJM / PUC-SP
Pedro Cattapan – UFF
Pierre Gonçalves de Oliveira Filho – FAMEC
Ricardo Castro de Oliveira – UFSCAR
Rita de Cássia Bianchi – UNESP
Ronaldo de Oliveira Rodrigues – UFPA
Rosana Cambraia – UFVJM
Tânia Regina Montanha Toledo Scorparo – UENP
Vágner Rodrigues de Bessa – UFV
Wellington Luiz Alves Aranha – UNESP

Monitoria

Gabriel Roberto Martins – IFSP

Designer Gráfico

Nildo Xavier de Souza

Diretor Geral do IFSP - Campus Sertãozinho

Lacyr João Sverzut

Reitor do IFSP

Eduardo Antonio Modena

* Membros do Conselho Editorial que participam do Conselho Consultivo também.



REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA
ISSN 1984-8625
Fundada em 2008
Períodicidade Semestral

<http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/iluminart.html>

 revistailuminart@ifsp.edu.br / revista.iluminart@gmail.com

 <https://www.facebook.com/iluminart.iluminart>

www.ifsp.edu.br/sertaozinho
Rua Américo Ambrósio, 269 - Jd. Canaã
Sertãozinho - SP - Brasil - Cep: 14169-263
Tel.: +55 (16) 3946-1170

Copyright © Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho

Para publicação, requer-se que os manuscritos submetidos a esta revista não tenham sido publicados anteriormente e não sejam submetidos ou publicados simultaneamente em outro periódico. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem permissão por escrito da detentora do copyright. O conteúdo dos artigos são de responsabilidade, única e exclusiva, dos respectivos autores.

PALAVRAS DO EDITOR

Chegamos ao 10º número!

E, o mais importante, chegamos fortes, com disposição de elevarmos o padrão da **Illuminart**. Transformá-la cada vez mais em um farol, um canal de comunicação entre o IFSP e a comunidade acadêmica de um modo geral; pois através de pesquisas transformadas em artigos conseguimos aprender sobre o que se produz interna e externamente à Instituição. São artigos recebidos de todas as regiões do Brasil, com diversidade de temas, assuntos e estilos de escrita.

Internamente, o IFSP passa por um período de transição. O processo de escolha do novo reitor – o primeiro eleito pelos seus pares (o reitor anterior foi eleito ainda como Diretor Geral e transformado em *pro-tempore* pelo Ministro da Educação) – foi desgastante para toda comunidade, evidenciando a falta de maturidade política de seus membros, quer sejam candidatos, simpatizantes, eleitores quer sejam organizadores do processo eleitoral. Cada segmento em seu papel mostrou o quanto estamos longe de sermos uma democracia participativa madura e saudável.

Toda esta experiência, na visão da Comissão Eleitoral Central – CEC – está registrada em seu relatório final sobre o que aconteceu em 2012. O Conselho Editorial da **Illuminart** resolveu publicar este relatório na sua íntegra, com o objetivo de fazer um registro histórico através do olhar do órgão oficial escolhido para conduzir este complexo processo eleitoral. Além de escolher o reitor em 26 *campi* espalhados pelo estado, a CEC ficou responsável em conduzir a eleição de sete diretores gerais de *campi*. Como outras versões sobre os fatos podem ser apresentadas, foi escolhido o relatório aprovado pelo Conselho Superior do IFSP.

No momento em que escrevo estas palavras, no Brasil estão ocorrendo diversas manifestações que começaram devido ao aumento da passagem de transporte público urbano. Este motivo, sem dúvida, é a “gota d’água” que faltava em um mar de insatisfações com nosso sistema político – no qual os “nossos” representantes não nos representam e os poderes constituídos cada vez mais se distanciam dos anseios e necessidades da população. Vivemos a falta de um serviço público com qualidade em todos os setores – menos na cobrança de impostos – e a sensação de impunidade aos erros e desvios cometidos pelos detentores do poder – no Executivo, Legislativo e não menos no Judiciário fez a população ir às ruas.

O que resultará disto? Não podemos prever.

Mas, assim como no IFSP, precisamos amadurecer enquanto nação. A transição, em geral, é difícil, muitas vezes dolorida, porém necessária. Faz-se imprescindível encontrar novas formas de compartilhar as decisões e responsabilidades; elaborar mecanismos de ajustes ao caminho traçado em prol do bem maior – seja ele qual for, e, respeito, tanto pelos indivíduos e sua história pessoal quanto pela comunidade.

Chegamos ao décimo número comemorando o trajeto percorrido pela **Illuminart**, o momento do IFSP e do Brasil, sabendo que há muito a ser feito, mas com plena convicção de que é possível fazê-lo.

Altamiro Xavier de Souza

Editor Chefe

Docente do IFSP – Campus Sertãozinho
altamirox@gmail.com

EDITORIAL

“Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias.”
(Guimarães Rosa).

Podem as palavras compor a verdadeira ordem das revoluções e compreender os movimentos de agitação política que ocorrem no país? Talvez não possam, mas são com palavras e discursos que se constroem um mundo melhor ou pior. Tudo começa, atíça-se ou se incendeia por meio dos signos verbais que se tem à disposição.

A **Revista Iuminart** em sua décima edição olha o mundo por meio das palavras, seu veículo mais forte de transmissão das ideias, das pesquisas e dos ideais que surgem nas salas de aula, no silêncio das pesquisas em uma escrivania, na tentativa de diálogo em busca da democracia política e educacional das organizações escolares do país.

Ao seu modo, a presente edição retrata este momento de agitação e de efervescência das ideias que proliferam em todas as partes mais recônditas do Brasil. Os três primeiros artigos retratam o surgimento e desenvolvimento da educação profissional no país, desde seus primórdios até a constituição dos chamados Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

O tema do quarto artigo continua sendo a educação. Muda-se apenas a perspectiva de análise, agora a geografia e o seu campo de aplicação: o município de Sumaré-SP. O quinto artigo também trilha os caminhos educacionais, versando sobre o PROEJA-FIC, que visa analisar os processos de avaliação diagnóstica a fim de melhorar o ensino/aprendizagem desse público aprendiz.

Ao prosseguir na leitura, encontra-se uma reflexão sobre o romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy e o contexto da revolução industrial que afeta os modos de produção na zona rural inglesa. Embora seja um artigo sobre literatura, o olhar sobre a sociedade continua a permear este número da **Iuminart**.

Sai-se da Inglaterra e chega-se a uma das maiores metrópoles do mundo com a análise do romance *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, momento em que questões de identidade e espaço são discutidas por meio da pesquisa apresentada; assim viaja-se do campo para a cidade.

Após tomar este breve fôlego pela literatura, o IFSP volta a ser o centro das investigações novamente. O artigo discute a formação do Instituto Federal de São Paulo pelo viés da CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade – e sua importância para compreender a regulação democrática dentro deste centro educacional.

Na sequência o leitor encontrará uma pesquisa na área de psicodiagnóstico, focando as relações entre mãe e filha, por meio de um estudo qualitativo que busca conhecer os motivos dos desajustamentos geradores de sofrimentos psíquicos.

A educação volta a ser a pauta do próximo artigo. A discussão gira em torno da ampliação do acesso à internet nos ambientes educacionais como forma de alcançar a democratização da informação, que hoje se transformou em um bem precioso.

O leitor do presente número também encontrará um estudo sobre a aplicação do sistema de gestão *Lean Six Sigma*, que tem por objetivo evitar os desperdícios. Desta forma, o artigo mostrará como foi a implantação desse método de produção em uma empresa real, possibilitando avaliar sua eficácia.

A área de química é contemplada com o estudo sobre a aplicação do software *Blender* para o uso no ensino de conceitos químicos; por meio dele o objetivo é facilitar o ensino/aprendizagem dos alunos, substituindo modelos estáticos de reações químicas por representações dinâmicas proporcionadas pelo programa de animação *Blender*.

Além disso, a revista apresenta o artigo de renomados autores da área de Matemática que discute conceitos de ciclos minimais, vértices neutrais e não-neutrais em torneios. Certamente, leitores especializados em estudos matemáticos terão um ótimo material em que basear novas pesquisas e aprofundar seus conhecimentos.

Para terminar, há a resenha sobre o livro *A presença do folhetim na minissérie Incidente em Antares*, um estudo dedicado à adaptação do romance de Érico Veríssimo para uma série televisiva.

Esperamos que este número da **Iuminart** mesmo sendo organizado com palavras arranjadas, sirva de instrumento para pensar este Brasil feito de “pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias”, melhorando a qualidade de vida delas, por meio dos estudos críticos que aqui se apresentam. Afinal, para que servem os estudos, senão para alterar o país onde vivemos?

Weslei Roberto Cândido
Editor Adjunto
Docente da UEM – Universidade Estadual de Maringá
weslei79@gmail.com



UM ESTUDO DO ESPAÇO, IDENTIDADE E DO
NARRADOR EM *O SOL SE PÕE*
EM SÃO PAULO, DE BERNARDO CARVALHO

JÚLIO CÉSAR ALEXANDRE JÚNIOR

Graduado em Letras Vernáculas e Clássicas. Licenciado em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Atualmente é estudante de Pós-Graduação *lato sensu* do Curso de Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Contato: julio_cajr@hotmail.com

UM ESTUDO DO ESPAÇO, IDENTIDADE E DO NARRADOR EM *O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO*, DE BERNARDO CARVALHO

Júlio César Alexandre Júnior

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo investigar e discorrer sobre a obra *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, um dos mais renomados autores da literatura brasileira contemporânea. Nessa obra, verificaremos o espaço urbano no qual o narrador-personagem está inserido, visto que, desprovido de identidade, ele é um estranho em meio à sociedade na qual vive perambulando. Assim, brevemente, discorreremos, também, sobre o narrador segundo as considerações de Walter Benjamin.

PALAVRAS-CHAVE: *O sol se põe em São Paulo*; Bernardo Carvalho; Walter Benjamin; Identidade; Espaço.

A STUDY OF THE SPACE, IDENTITY AND NARRATOR IN *O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO*, BY BERNARDO DE CARVALHO

ABSTRACT: This paper aims to investigate and to discuss the work *O sol se põe em São Paulo*, by Bernardo Carvalho, one of the most renowned writers of contemporary Brazilian literature. In this work, we'll find the urban space in which the narrator-character is inserted, since deprived of identity, he is a stranger in the midst of society he lives wandering. So, briefly, we will discuss also about the narrator according to the considerations of Walter Benjamin.

KEYWORDS: *O sol se põe em São Paulo*; Bernardo Carvalho; Walter Benjamin; Identity; Space.

1 INTRODUÇÃO

Publicado em 2007, a obra *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, é um dos romances que, em aspectos recorrentes, traz, conforme Alves (2011):

O esfumaçamento das fronteiras entre o real e o fictício; a narrativa repleta de acontecimentos, desencadeados em rede e profusamente; o gosto pelo tom de mistério a percorrer as linhas do texto, nisso se podendo ver, não raro, a forma de uma narrativa policial; o entrelaçamento de vozes, personagens e situações, levando com frequência ao questionamento de identidades.

O escritor carioca publicou, além da referida obra a ser estudada, *Aberração* (1993), que é uma coletânea de contos, e os romances *Onze* (1995); *Os Bêbedos e o Sonâmbulo* (1996); *Teatro* (1998); *As Iniciais* (1999); *Medo de Sade* (2000); *Nove Noites* (2002), que levou os prêmios Portugal Telecom e Machado de Assis, da Biblioteca Nacional; *Mongólia* (2003), que levou os prêmios Jabuti e APCA; e *Os filhos da mãe* (2009). Beatriz Resende (2008), em *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*, afirma que Bernardo Carvalho é um consagrado escritor e defensor da literatura brasileira de ficção.

Se ainda coubessem classificações ou rótulos para um autor definitivamente consagrado como Carvalho, eu diria que se trata, por excelência, de um defensor da literatura de ficção, e ainda de um romancista a ser apreciado especialmente pelos viciados em ficção (RESENDE, 2008, p. 90).

Sobre o romance de Carvalho, Beatriz Resende (2008, p. 90) afirma:

Nesse romance [O sol se põe em São Paulo], mais do que em qualquer outro, a matéria é a ficção, a literatura e, eventualmente, a reflexão sobre literatura, seja a desenvolvida por Paul Valéry, que é tomado como epígrafe do volume, “[...] estranhos discursos, que parecem feitos por um personagem distinto daqueles que os diz e dirigir-se a outro, distinto daquele que os escuta”¹, seja a do próprio autor.

Diante disso, o presente artigo tem por objetivo investigar e discorrer sobre a obra *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, que é considerado um dos mais renomados autores da literatura brasileira contemporânea. Na referida obra, verificaremos o espaço urbano no qual o narrador-personagem está inserido, visto que, desprovido de identidade, ele é um estranho em meio à sociedade na qual vive perambulando. Assim, brevemente, discorreremos, também, sobre o narrador seguindo os estudos de Walter Benjamin.

2 DO ESPAÇO...

Uma das tarefas da literatura ao estudar o espaço urbano não é apenas a representação ficcional específica, mas, sobretudo, do homem nele inserido, sujeito para aquilo que o reserva da

¹ Epígrafe inicial do romance de Bernardo Carvalho (2007, p. 7).

sociedade, do tempo, e dos valores que determinam aquele universo em que vive. Assim, conforme Hissa (2006, p. 90), “na cidade o ambiente é o homem: é feito de suas amarguras e sonhos. Na cidade, as densas relações entre os indivíduos estimulam o conflito e a contradição, mas, também, a aproximação entre o *eu* e o *outro*”.

No âmbito da literatura, a representação do urbano, e o homem que nele vive, toma vulto a partir do advento da modernidade, período que se inicia com a Revolução Industrial, no século XVIII, estendendo-se pelos séculos XIX e XX, e tem na Revolução Francesa (1789) um dos seus principais marcos. Assim, a cidade e a vida do homem ocidental passam por transformações expressivas. Algumas dessas transformações são o declínio do regime feudal e a ascensão da burguesia e da indústria, esta assentada no regime capitalista.

No Brasil, essas transformações se iniciam a partir das primeiras décadas do século XX. O país sofre um processo de transformação e modernização e a literatura, como não podia ser diferente, acompanha essas mudanças, tanto na linguagem, na forma de se expressar, quanto nos temas que aborda. Conforme Silva (2009, p. 274), na literatura, “uma das características da ficção brasileira da contemporaneidade é que ela é urbana”.

Assim, será na cidade que tudo se converge e se propaga, pois é este o ambiente do homem contemporâneo. Conforme Hissa (2006, p. 86), a cidade é feita de outros microcosmos, “de diversos lugares que vão se inserindo nos interstícios do urbano, onde a vida, repleta de relações, se desenvolve”.

A partir do século XX, portanto, com os efeitos do sistema capitalista e da industrialização em crescimento nas grandes cidades, nota-se que a paisagem urbana aparece na literatura como algo fragmentado, ou seja, com os benefícios da industrialização e urbanização, que de certa forma trouxeram riqueza aos grandes centros urbanos, por outro lado, vemos o problema da infraestrutura, como a formação de periferias.

Em *O sol se põe em São Paulo*, uma das características recorrentes na obra de Bernardo Carvalho é a aproximação com a realidade, pois, em um determinado momento, menciona-se a cidade sendo alvo de ataques pelo crime organizado - Primeiro Comando da Capital – PCC, ocorrido em 2004.

A cidade vinha sofrendo uma série de ataques do crime organizado. Pelas estimativas oficiais, mais de cem pessoas foram assassinadas, entre policiais, civis e criminosos. Os números na verdade eram quase o dobro. Os ataques se dirigiam a delegacias de polícia, ônibus e bancos. E a polícia se vingaria nos dias seguintes, matando a torto e a direito, contanto que fossem pobres, os que depois seriam chamados de suspeitos nos laudos do Instituto Médico Legal. Naquela tarde de segunda-feira, depois de três dias de ataques pouco noticiados, um carro da polícia foi metralhado num bairro de classe média alta. E o efeito dos boatos bastou para deixar a população em pânico e levar o comércio a fechar as portas, embora as autoridades insistissem em tentar convencer a cidade sitiada de que

tudo estava sob controle. Mesmo as ruas mais tranquilas foram tomadas de carros de gente que saía às pressas do trabalho e tentava chegar sã e salva em casa no meio da tarde. E eu me vi no meio de um congestionamento tentacular. Não havia nem saída alternativa (CARVALHO, 2007, p. 26).

Mesmo com a proximidade com a realidade, o narrador descreve a cidade de São Paulo de acordo com suas impressões, negativamente. Conforme Alves (2011, p. 8-9):

A espacialidade ficcional, baseada na cisão concreta e na existência real da cidade de São Paulo, estabelece um confronto entre a subjetividade do personagem e a realidade objetiva, ou seja, o narrador descreve a cidade de acordo com a sua impressão deixando explícito seu negativismo. Apesar da aproximação com a realidade, sabemos que se trata de um universo ficcional, com isso, Carvalho amarra a ficção a uma outra noção de real, um real trágico e inevitável, ao mesmo tempo performático e irrepresentável.

Ainda em relação à cidade de São Paulo, o narrador-personagem apresenta críticas acerca da cidade de São Paulo. Ele, o narrador, a define como uma caricatura de cidades europeias e norte-americanas, especificamente com Nova York, a qual julga como “uma modernidade de fantasia, deformada, a materialização impotente de querer se imaginar num outro lugar mas já não saber como retornar a ele” (CARVALHO, 2007, p.28). A esse respeito, o narrador assim se expressa:

A Liberdade é um desses bairros de São Paulo que, embora em menor escala do que nas regiões mais ricas, e por isso mesmo de um modo às vezes até simpático, ressalta no mau gosto da sua rala fantasia arquitetônica o que a cidade tem de mais pobre e de paradoxalmente mais autêntico: a vontade de passar pelo que não é. O pôr-do-sol em São Paulo é reputado como um dos mais espetaculares, por causa da poluição, eu disse ao homem de lábio leporino. Só fui entender que São Paulo era uma cidade monumental – mas onde os monumentos não existiam; eram por assim dizer invisíveis – no dia em que sonhei que dirigia um carro, de monumento em monumento, pelas ruas vazias de uma tarde de domingo, no inverno, uma estação que aqui também não existe. Eram monumentos que eu nunca tinha visto antes, e que só existem no meu sonho, em lugares onde a realidade se erguem os prédios mais decrepitos ou as fantasias arquitetônicas mais tolas e não menos pavorosas. São Paulo não se enxerga – ou não chamaria periferia de periferia. Não é só eufemismo. Chamam-se excluídos aos oitenta por cento da população. Não é à toa que é uma cidade de publicitários. Em São Paulo, publicidade é literatura, expliquei ao homem de lábio leporino, em inglês, sem deixar claro se fazia uma crítica ou me justificava. É uma cidade que quer estar em outro lugar e em outro tempo. E essa vontade só a faz ser cada vez mais o que é e o que não quer ser. As mansões mouriscas e ecléticas do começo do século XX (a maioria derrubada) e os prédios mediterrâneos, neoclássicos, florentinos e normandos construídos há poucas décadas revelam o atraso do presente. Cada imigrante, achando que transplantava o estilo da sua terra e dos antepassados, acabou construindo para a caricatura local (CARVALHO, 2007, p. 13-14).

Verificam-se as atitudes críticas do narrador em relação à cidade de São Paulo, quando atesta que o bairro da Liberdade possui o “mau gosto da sua rala fantasia arquitetônica o que a cidade tem de mais pobre e de paradoxalmente mais autêntico: a vontade de passar pelo que não é” (CARVALHO, 2007, p. 13). Portanto, o bairro da Liberdade é um dos lugares que São Paulo adquiriu, mas não possui suas características próprias e sim a do outro, a do estrangeiro. O narrador afirma, ainda:

Quase cem anos depois, o poder do novo dinheiro ergueu em São Paulo – uma cidade sitiada pela miséria e pelo crime, dos quais esse mesmo poder se alimenta embora tente em vão excluí-los – prédios de estuque, que foram batizados de “estilo florentino”, na tentativa de imitar a antiga Nova York. Não é só que esteja tudo fora do lugar. Está tudo fora do seu tempo também. Na Liberdade, nem mesmo um bêbado, ao sair trôpego de um restaurante, acreditando que é escritor, pode achar que está numa viela tranquila dos subúrbios de Tóquio e não numa megalópole violenta do Terceiro Mundo. E, no entanto, é disso que as ruas de São Paulo tentam convencer que passando por elas: que está em outro lugar, num esforço inútil de aliviar a tensão e o incômodo de estar aqui, o mal-estar de viver no presente e de ser o que é (CARVALHO, 2007, p. 14-15).

Com a fragmentação do espaço urbano, vemos também a fragmentação do indivíduo neste espaço. Conforme mencionamos, ao estudar a cidade, analisamos também o sujeito inserido neste espaço urbano, pois este determina o universo em que o sujeito vive. Assim, evidenciamos esta fragmentação do indivíduo na obra *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, cujo narrador-personagem, por exemplo, é marcado pelo deslocamento, ou seja, a personagem perambula pelas ruas da grande São Paulo, em Promissão (cidade do interior do Estado de São Paulo) e, por fim, em Tóquio, para desvendar uma história narrada por Setsuko, a dona do restaurante, que atribui uma missão ao narrador de transmitir sua história. Conforme Alves (2011), “o questionamento da identidade é algo a aparecer reiteradamente nos romances contemporâneos e a construção das personagens em *O sol se põe em São Paulo* é um exemplo cabal disso”.

3 DA FALTA DE IDENTIDADE...

Contado em primeira pessoa, a obra *O sol se põe em São Paulo* narra a história de um grupo de japoneses que migraram para o Brasil no início da Segunda Grande Guerra e se prolonga no Brasil dos dias atuais. Em princípio, relatar-se-á linearmente a história de um triângulo amoroso testemunhado por Setsuko, a dona do restaurante, localizado no bairro da Liberdade, em São Paulo, e nascida em Osaka: Michiyo, moça de boa família; Jokichi, filho de um rico industrial; e Masukichi, um obscuro ator de teatro japonês. À medida que a leitura avança, dá lugar a outras

histórias. O narrador, que é contratado para relatar a história da dona do restaurante, desdobra-se ora em histórias que fornecem pistas, ora que intensificam os mistérios em torno do triângulo amoroso, que permeia o romance.

Durante a narrativa, segundo Alves (2011), “a discussão em torno da identidade é construída por meio de um entrelaçamento, de um jogo de perspectivas diversas, que insistentemente se dobram e se desdobram na formação da complexa teia narrativa”. Dessa forma, para corroborar a questão da alteridade durante a narrativa, Resende (2008) afirma:

Bem a maneira de Bernardo Carvalho, a narrativa vai se desdobrando, uma versão gerando outra, lugares e personagens saindo uns de dentro dos outros nessa história que começa no Japão da Segunda Guerra Mundial para terminar em São Paulo, neste início do século XXI (RESENDE, 2008, p. 91).

Ao contar a história de orientais na obra, verifica-se aquilo que é estranho para o narrador, ou seja, *um estrangeiro para nós mesmos*², i.e., um estranho vivendo um seu próprio país. Conforme Alves (2011, p. 7), “o narrador-personagem, no romance, sente-se estrangeiro porque recalca aquilo que outrora fora familiar: sua ascendência nipônica”. Desta forma, constamos um indivíduo fragmentado em seu meio. Stuart Hall (2006, p. 12) afirma, por sua vez, que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas”.

Trata-se, portanto, de um mundo ficcional despossuído de experiências significativas, de um indivíduo não possuidor de uma identidade, errante em meio à sociedade na qual vive, portanto, um estrangeiro, “aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o outro” (KRISTEVA, 1994, p. 100).

O espaço nas narrativas contemporâneas é um sentimento de estranheza, de desterritorialização, de não pertencimento a lugares exclusivos, colocando em dúvida a própria identidade do sujeito: estar em trânsito torna-se uma necessidade e a marca mais característica do sujeito contemporâneo (ALVES 2011, p. 4).

A primeira mostra de um sujeito não possuidor de uma identidade neste espaço fragmentado é com relação ao narrador. Este é um sujeito que se autodefine com um sujeito fracassado, o qual está desempregado e foi abandonado pela esposa, que o troca por outro. “Passado quase dez anos sem dar as caras, agora que estava desempregado e separado da minha mulher, depois de me foder por nada, trabalhando como redator de comerciais de uma agência de publicidade, eu voltava de vez em quando ao Seiyoken” (CARVALHO, 2007, p. 11).

² KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Narrando a história, o narrador-personagem já não conta mais sua história de vida, nos primeiros capítulos, portanto, vemos a história sendo entrelaçada com os acontecimentos passados de Setsuko, que narra sua história oralmente; e o narrador, que a transfere para o meio da escrita, tornando-a um romance. Alves (2011) atesta:

O narrador continua a narrar, mas sua história pessoal já não mais está em cena, mas sim a do outro. Nesse sentido, é possível ver um deslocamento da identidade da narração, pois há, no mínimo, o entrelaçamento de duas vozes: a de Setsuko que conta, oralmente; e a do narrador, que reconta por meio da escrita, do romance (ALVES, 2011, s/p).

Para corroborar a questão da identidade, durante o romance, evidenciamos a troca ou crise de identidades de Jokichi, marido de Michiyo. Durante a guerra, o pai de Jokichi contrata um funcionário de sua empresa, Seiji, para assumir o lugar de seu filho, pois este foi convocado para lutar pelo seu país, o Japão, na Segunda Guerra Mundial. O funcionário que foi no lugar de Jokichi vem a falecer durante uma batalha. Ao retornar para sua cidade, Jokichi descobre que seu pai faleceu durante um ataque das forças inimigas e descobre que fora considerado morto. Após várias tentativas frustradas, humilhantemente, consegue sua verdadeira identidade.

E foi só voltar a Kobe, e ao tentar pôr em ordem o que havia sobrado dos papéis da família, que Jokichi descobriu estar ele próprio oficialmente morto [...]. Diante do caos em que o país havia se convertido, não restava a Jokichi muito a fazer senão esperar o final da guerra. Tentou corrigir a impostura e recuperar sua identidade. Mas àquela altura seus esforços foram inúteis [...]. Só um ano depois da rendição, quando começavam a se dissipar as incertezas quanto ao futuro do país ocupado, foi que afinal conseguiu provar oficialmente a sua identidade, não sem antes ter de passar por um processo absurdo de humilhação, como desertor, para não sujar a memória do pai, para salvá-lo (CARVALHO, 2007, P. 46).

Outra forma de crise de identidades é a de Setsuko, que, a partir de estudos da antroponímia significa corte, cisão, é, na realidade, Michiyo. Durante a narrativa, o narrador, após a descoberta do verdadeiro nome da dona do restaurante Seiyoken, diz que o romance inicia-se, quando se descobre a verdadeira identidade de Setsuko ou Michiyo. A cisão, portanto, do romance, inicia-se quando da descoberta da verdadeira identidade da dona do restaurante, e o narrador começa uma busca pelas histórias de Masukichi, Michiyo e Jokichi em Tóquio.

Agora era a minha vez de sentir a dor dos personagens que tudo perdem. O meu romance começa aqui. Quando voltei na semana seguinte, para o nosso quarto encontro, a casa de Setsuko já não existia. Em apenas uma semana, puseram-na abaixo (CARVALHO, 2007, p. 93).

Em *O sol se põe em São Paulo*, não são só Setsuko e Jokichi que enfrentam crises de identidades, mas também outras personagens como Seiji, o primo do imperador (o qual está no Brasil e é assassinado por Masukichi, que assume a identidade, no Brasil, de Teruo) e o próprio narrador.

Dessa forma, Alves (2011) afirma que o narrador sente a necessidade de transformar o relato oral de Setsuko/Michiyo em um romance, e, assim, torna-se o personagem que investiga a história do triângulo amoroso:

Paralelamente à história desse romance, mediante pequenas incursões no decorrer da narrativa, mais acentuadas no início e, principalmente, após o desaparecimento de Setsuko, desenvolve-se também a história do próprio narrador. Este se vê fortemente enlaçado pela história que estava incumbido de transformar em romance, transformando-se ele próprio em uma das personagens, na busca de solução para o relato suspenso, inacabado de Setsuko em razão de sua saída repentina de cena (ALVES, 2011, s/p).

É após iniciar o romance que o narrador atribui ser o seu, este, ao ser lançado na ficção, participa como um detetive, pois irá desvendar a história do triângulo amoroso das personagens. O narrador-personagem desloca-se para o Japão para entregar uma carta de Setsuko para Masukichi, um ator de teatro kyogen, uma versão cômica do teatro nô. No Japão, o narrador sente-se como um estrangeiro, recebendo olhares desconfiados das pessoas a sua volta e com as quais cruza pela rua.

Esbarrei em dois ou três pedestres. Em geral desviavam de mim como do demônio. Estava perdido. Resolvi pedir informação a alguém – não havia um único ocidental na rua. Me dirigi a um homem de terno, em inglês. E, se num primeiro momento ele chegou a mostrar alguma boa vontade, fugiu de mim assim que percebeu que eu era estrangeiro. Eu tentava me aproximar das pessoas, em inglês, e todas fugiam de mim. Desviavam-se, olhavam para o chão, fingiam que não me viam, que não me ouviam. Uma mulher chegou a apertar o passo, como se eu fosse um mendigo bêbado a importuná-la, enquanto eu a acompanhava, repetindo “por favor, por favor”. Eu era a lepra (CARVALHO, 2007, p. 106-107).

O narrador-personagem não tem sucesso em encontrar o ator do teatro cômico, mas, ao final, a carta ou o romance encerra-se ao ser transmitido pelo homem do lábio leporino para sua esposa e, finalmente, à filha de Jokichi, a qual havia cortado relações com o pai antes de falecer.

“O homem com lábio leporino terminou de ler a carta, em silêncio, em Tóquio, olhou para a mulher ao meu lado e, ao lhe estender as folhas manuscritas, repetiu o mesmo que eu tinha lhe proposto no início da noite e que agora peço a você também”, eu disse à filha mais velha de Teruo – em nome de quem ele havia deixado de contar – quando ela me procurou em São Paulo, e lhe entreguei este romance: “Leia isto” (CARVALHO, 2007, p. 164).

Diante das várias vozes que compõem o romance: narrador, Setsuko (Michiyo), vinculam-se a crise ou falta de identidade das personagens. Conforme Postal (2011):

A identidade de escrita de Bernardo Carvalho, sua figuração, é uma construção teórico-ficcional a respeito de identidades, transversas e inconstantes, que firmadas na incompletude e fragmentação são o retrato impreciso, e, portanto, o mais fiel possível, da nossa contemporaneidade (POSTAL, 2011, s/p).

4 A NARRATIVA SEGUNDO WALTER BENJAMIN...

Em *O narrador* (1936), de Walter Benjamin, o mesmo atesta que o ato de narrar uma história está em processo de extinção, pois os narradores, depois do pós-guerra e as narrações das ações da experiência estão desaparecendo.

É a experiência de quase a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente se se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1987, p. 197-198).

Benjamin (1936) ainda afirma que a figura do narrador só se torna planamente tangível se temos presente o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Além deste, a verdadeira natureza narrativa possui uma dimensão utilitária. “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p. 200).

Uma das questões que Benjamin levanta para a extinção do narrador ocorre a partir do surgimento do romance, no início do período moderno. “A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Tomando por base as considerações de Benjamin sobre a extinção da narrativa, observamos, em *O sol se põe em São Paulo*, que outros elementos estéticos da narrativa suplantam esse declínio da narrativa propriamente dita, quando, por exemplo, o narrador utiliza a intertextualidade com outros romances, neste caso, romances de Junichiro Tanizaki, que, na realidade, são bases para contar a história de Setsuko ou Michiyo; ou menção à literatura, pois, acredita-se que a literatura, no romance, fora a causa da morte de Jokichi ou a morte de um narrador-escritor de juventude. Franco (2011, s/p.) atesta que “Tais possibilidades narrativas puderam ser observadas tanto nos projetos estéticos que as prefiguram e chegam a subverter quanto na história que se quer ser contada”.

Para Franco (2011), em *O sol se põe em São Paulo*, podemos atribuir às características de um narrador ideal, segundo Benjamin, para as personagens do referido romance: o narrador é o marinheiro, Setsuko/Michiyo representa o marinheiro e o camponês sedentário.

Possivelmente, em seus primeiros 20 ou 30 anos, viveu no Japão, continente de tradições que se perpetuam, conhecedora, portanto, da cultura japonesa em suas variadas formas (teatro, lendas, natureza, literatura). Nos anos 50, depois da segunda grande guerra, veio para o Brasil, o outro lado do mundo. A viajante, agora em outra esfera e outro espaço, passa ser a contadora da história que irá instigar o jovem de raízes também japonesas, mas pouco conhecedor de sua cultura ascendente. Mas a grande questão aqui, não se trata mais de promover um “intercâmbio de experiências”, como assinalava Benjamin (FRANCO, 2011, s/p).

A personagem Jokichi diz: “Ninguém nunca vai poder contar nada. Quem conta são os outros”, “ele me disse quando me procurou para anunciar que estava morrendo. E eu entendi naquela frase um pedido” (CARVALHO, ano, p. 160). Deste modo, verificamos que Setsuko ao contar a história, oralmente, e o narrador-personagem transmite-a primeiramente ao homem do lábio leporino, seguido de sua esposa, e a filha de Jokichi, por fim, ficam evidenciados elementos estéticos que fazem com que a narrativa não possua formas para que possa ser perpetuada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, no presente artigo tratamos do romance *O sol se põe em São Paulo*, do escritor Bernardo Carvalho. Na análise efetuada, foi possível verificar como se caracteriza o espaço urbano no qual o narrador-personagem está inserido, uma vez que, conforme salientamos anteriormente, desprovido de identidade, o referido narrador-personagem é um estranho dentro da sociedade na qual vive perambulando. Assim, brevemente, discorreremos, também, sobre o narrador dentro da obra, partindo das considerações de Walter Benjamin.

Conforme mencionado, ao estudar a cidade, analisamos também o sujeito inserido neste espaço urbano, pois tal espaço determina o universo no qual o sujeito vive. No espaço fragmentado, que se configura em *O sol se põe em São Paulo*, encontramos sujeitos fragmentados. Assim, Postal (2011, s/p.) afirma:

As personagens se reelaboram na missão e preenchem sua vida com as vidas outras a serem resgatadas e contadas para salvar do esquecimento o que buscam, mas nesse processo não se salvam a si mesmas. Mostram-nos que a fragmentação e a incompletude são chaves possíveis para compreendê-las e a nós mesmos quando confrontados com tamanhas angústias e com a facilidade de abandonar as identidades pré-enigmas por existências transitórias vividas no centro da incompreensão e insolubilidade dos mistérios.

Em *Contemporâneos*, no ensaio “Bernardo Carvalho e o Trágico Radical”, Resende (2008), uma das estudiosas da literatura de Carvalho – em entrevista acompanhada de Pécora -, atesta ser Carvalho um dos melhores escritores da contemporaneidade e finaliza, tecendo o seguinte comentário sobre o romance:

Você quer literatura de verdade? Quer verificar se o romancista realiza o que o teórico afirma de verdade? Então mergulhe em *O sol se põe em São Paulo* e não pense que as suas 164 páginas não vão dar trabalho. Citando outro título do romance de Coetzee, eu diria que enfrentá-las é uma forma de ocupar o tempo *À espera dos bárbaros* (RESENDE, 2008, p. 92).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. M. Espaços Urbanos Contemporâneos em *O Sol se Põe em São Paulo*. In: **ReVeLe**, nº 3. Agosto/2011. p. 01-15. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/cpq/revista%20revele/Revista_tres/ESTUDOS%20LITER%C3%81RIOS/05ESPA%C3%87OS%20URBANOS%20CONTEMPOR%C3%82NEOS%20-%20CANDICE%20ALVES.pdf. Acessado em 08 de setembro de 2012.

ALVES, R. C. S. Os desdobramentos narrativos em *O Sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2011, CURITIBA. **Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. Curitiba, 2011. Disponível em <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0688-1.pdf>. Acessado em 07 de setembro de 2012.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 197-221.

CARVALHO, Bernardo. ***O sol se põe em São Paulo***. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FRANCO, Adenize. O romance contemporâneo de língua portuguesa em Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2011, CURITIBA. **Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. Curitiba, 2011. Disponível em <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0318-1.pdf>. Acessado em 08 de setembro de 2012.

HALL, Stuart. ***A identidade cultural na pós-modernidade***. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISSA, C. V. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, C.A. L. ***As cidades da cidade***. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 81-92.

KRISTEVA, Julia. ***Estrangeiros para nós mesmos***. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

POSTAL, Ricardo. O mais longe ir: identidades transversas em Bernardo Carvalho. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2011, CURITIBA. **Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. Curitiba, 2011. Disponível

em <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0716-1.pdf>. Acessado em 12 de setembro de 2012.

RESENDE, Beatriz. Bernardo Carvalho e o Trágico Radical. In: **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008, p. 77-92.